

A Odisseia de Arraúl (contada às crianças)

Era uma vez um reino chamado Marim. Leia e Arraúl eram os governantes desse lugar encantado, protegido por frondosos pinhais e abençoado pelas brisas marítimas.

Num sítio de paz e harmonia, a circunstância de os reis não conseguirem ter filhos foi chamariz para o mal. Libertadas por homens de maus princípios, as sombras Tristeza, Amargura, Ira, Medo, Discórdia e Desânimo atacaram, transformando o povo em pedra. A escuridão tinha chegado e Marim estava refém de um manto de trevas.

Arraúl conseguiu refúgio nos domínios do amigo Zéfiro, o vento do Oeste. As sombras eram um inimigo muito poderoso e apenas reunindo as esferas de luz da Esperança, Amizade, Respeito, Alegria, Determinação e Coragem, aliadas à força de Zeus, o Deus grego, seria possível derrotá-las.

O herói partiu a coberto da noite, iluminado pela Esperança. Não lhe agradava pedir favores ao responsável pela destruição da sua pátria natal, a Atlântida, mas não tinha alternativa.

Concluída uma primeira paragem em Anapote, capital dos Esuri, onde lhe foi entregue a esfera da Amizade¹, o Atlante prosseguiu junto à costa, tentando atravessar as colunas de Hércules² sem ser visto pelo gigante Gerião.

Oculto, a descomunal figura estava à espreita e tinha um alvo bem definido. O rei de Marim não se deixou amedrontar. Recorrendo à perspicácia, aproveitou a ganância do colosso para escapar, persuadindo-o a procurar uma enorme maçã de ouro e pedras preciosas, no leito do oceano.

Ao ver-se enganado, a fúria de Gerião despertou uma tempestade, arrasando o barco do viajante. O herói foi salvo por Tounarouz, a baleia que o resgatara do desastre da Atlântida. Juntos, aproximaram-se da região costeira de Gourbata, uma opulenta cidade mercantil no Norte de África, onde poderia obter apoio.

¹ *Atual Ayamonte (Espanha).*

² *Atual Estreito de Gibraltar.*

Todavia, em vez de auxílio, Arraúl encontrou desprezo, egoísmo e perseguição. Valeu-lhe a ajuda de um menino chamado Olhão, uma criança cujo sonho era reencontrar os pais. Combinaram unir esforços e prosseguir viagem. Primeiro, contudo, tinham de juntar dinheiro para comprar uma embarcação.

Enquanto trabalhavam, um grupo de cavaleiros irrompeu pelo porto, procurando saber de alguém capaz de curar o príncipe herdeiro. Desconfiados, os representantes reais conduziram Arraúl e o petiz até ao palácio. Arraúl sabia de medicina e não se deixou impressionar por quem já chorava o infortúnio. Os seus conhecimentos salvaram o rapaz e valeram-lhe o reconhecimento de toda a corte.

A vergonha cobriu o sultão. Lamentava a arrogância do povo e a incapacidade de ver para além das aparências. Corrigiria os erros do passado!

Como forma de agradecimento, o governante ofereceu-lhes um navio e a esfera luminosa do Respeito. Rumariam a norte, até ao cabo Acra.

O estranho promontório era um sítio desolado, dominado por estruturas vulcânicas e pelos perigosos cantos das sereias. Lá no alto, encontraram um velho ancião, amargurado pela derrota dos atlantes na guerra contra os gregos. Quanto soube tencionarem encontrar Zeus, o ermitã respondeu com raiva e rancor, mas o espírito de Arraúl soube ser mais forte. Não se renderia a mágoas antigas.

Foi em Alacante³, buliçoso povoado da costa meridional que acharam novas pistas. Estas indicavam o caminho das ilhas Pitiusas⁴. Todavia, um sinistro perigo esperava na travessia.

A mando das sombras, a deusa Euribia revoltou os céus e agitou as águas, obstinada em dar fim à odisseia dos dois amigos. No limei, Tounarouz voltou a ser providencial. Surgindo de surpresa, engoliu a maligna, salvando-os da tormenta.

Ainda não refeito do susto, Olhão descobriu a presença de um grupo de salteadores, ancorados numa enseada vizinha. Sem se importar com perigos, o miúdo teve uma ideia genial! Eles próprios fingiriam ser piratas naufragados!

³ Atual Alicante (Espanha).

⁴ Atuais Ilhas Baleares (Espanha).

Os ladrões caíram no engodo, acolhendo-os entre a tripulação. Estavam desesperados com o capitão sob o efeito de um pesado feitiço, discutia-se em surdina. O verdadeiro problema: só o caule, o caule das plantas protegidas pelo temível ciclope Orgismeno podiam desperta-lo da maldição

Aqueles piratas estavam dispostos a tudo, especialmente tentar todo o tipo de guerras. Arraúl, contudo, persuadiu-os a uma solução pacífica. Confiava nos místicos poderes da música, pelo que em vez de espadas ou machados, colheu uma simples lira como arma.

Contrariando expectativas, o plano do atlante funcionou. Inebriado pela influência das delicadas notas musicais, o temperamento do gigante apaziguou e velhas desavenças foram colocadas de parte. Com o capitão despertado, logo a alegria tomou conta de todos os piratas. A alegria era, precisamente, o maior dos tesouros guardados pelo bando. A partir daquele momento passaria a pertencer aos dois heróis.

Na demanda pelas restantes luzes, Arraúl e Olhão chegaram a Ares⁵, localidade fortificada, situada no sul da atual França. Ali mandavam as Leis, as quais, embora injustas, se faziam cumprir pela perversidade de juízes e soldados.

Gran Valira era um traficante de contos e parábolas, apanhado a contrariar a ordem estabelecida. Olhão viu o senhor ser sujeito a maus tratos. Não se conformo e o confronto com os guardas foi inevitável. Os militares alertaram as restantes guarnições e rapidamente se precipitaram no seu encalço. Todavia, conseguiram fugir. Tinham ganho um novo amigo! Com ele chegaram a Taurini⁶, no sopé dos Alpes italianos.

Esta localidade era famosa pela escalada ao Anipérvlito, um enorme maciço de pedra escarpada, no topo do qual se encontrava a esfera da Determinação.

Durante anos, centenas de concorrentes tinham tentado vencer a prova, mas sem sucesso. Por alguma razão, todos acabavam por desistir. Sorrateiro, o menino descobriu o motivo: os gritos negativos e desmotivantes do público.

O petiz não contou nada do sucedido. Antes, aconselhou o colega a tapar os ouvidos com resina. Arraúl estranhou o conselho; no entanto seguiu-lo-ia à risca.

⁵ Atual Toulon (França)

⁶ Atual Turim (Itália)

A prova foi árdua e penosa. Mais uma vez, os concorrentes caíram vítimas do arдил dos locais, mas não o atlante. Imune às vozes adversa, completou o desafio com garra, resgatando a Determinação.

Quem não estava disposto a desistir eram as forças do mal. Aproveitando a agitação provocada pelo feito, Manto e Ochus raptaram a criança. Eram divindades maldosas, caídas em desgraças. Ainda assim, mantinham um séquito de horríveis demónios.

Sabendo do sucedido, o rei de Marim partiu ao resgate. A fortaleza dos malditos estava protegida por pântanos sombrios e muitos perigos. Era certa uma cilada. Capturado pelos malignos, o viajante foi conduzido à presença de Manto, para lhe ser aplicada a pena de morte.

O Deus etrusco⁷ do submundo preferia, não obstante, métodos mais imaginativos, pelo que propôs ao herói participar num concurso desequilibrado, injusto e tendencioso, com único objetivo de alimentar o desespero. Arraúl sobrepôs a confiança aos receios. Aliando a inteligência à astúcia foi superando todos os prognósticos, para grande irritação de quem o havia desafiado.

Incapaz de conter a raiva, Manto sacou da espada para lhe desferir um golpe mortal. Nesse preciso instante irrompeu Gran Valira, liderando um exército de mercenários. Tinha chegado a hora de retribuir a ajuda recebida em Ares e, finalmente, ser protagonista da sua própria epopeia!

O atlante soltou o parceiro das amaras, escapando tão depressa quanto puderam. No fim do rio encontraram a linda Razena⁸, cidade às portas do mar adriático, onde certamente encontrariam transporte para os levar até à Grécia.

A bordo do Tipolemo, os dois amigos descobriram os encantos de várias cidades costeiras. Mas o perigo sempre espreita e o navio acabou por sucumbir ao perigo dos baixios costeiros. Com novo auxílio da baleia, conseguiram atracar nos estaleiros de Patras. Para Olhão e Arraúl, a viagem continuaria a pé. Estavam em solo grego e Zeus estava cada vez mais próximo.

⁷ *Antiga civilização italiana*

⁸ *Atual Ravenna (Itália)*

Ali, conheciam um cenário de contrastes. Nos caminhos da península do Peloponeso, as paisagens mediterrânicas conviviam com a imponência dos picos gelados. A marcha levou-os até à Élide, urbe responsável pela gestão de Olímpia, santuário onde se realizavam os Jogos Olímpicos.

Dedicados a Zeus, os Jogos Olímpicos celebravam-se, apenas, de quatro em quatro anos o que, de certo modo, os desanimou. Além disso era um evento reservado aos gregos. Qualquer tentativa de entrada no lugar santo seria severamente punida. Estavam avisados: deviam manter-se longe!

Os companheiros de viagem entreolharam-se. Não iriam desistir do seu propósito. Sabiam que a chave estava em encontrar a foz do Rio Alfeu. O plano correu de acordo com o delineado. Porém, a densa vegetação florestal ocultava as margens e interrompia o caminho,

Surgiu, então, uma cria de lobo. Afável e carinhosa, parecia perdida. Contudo, pareceu querer guia-los na escuridão da lua nova. Seguiram-no até chegarem a uma aparente clareira, tenuemente iluminada pelo tremeluzir dos pirilampos.

Arraúl calcorreou o lugar deserto. Não tinha muita fé. Faltava-lhe um globo de luz e não fazia ideia onde o procurar. Foi nesse instante que um velho barrou o caminho. Estava intrigado. Trocaram algumas palavras. O rei de Marim desesperava pela Coragem. O ancião apontou-lhe para o coração.

Inesperadamente, um brilho intenso emergiu do peito do herói; o ancião transformou-se. Era Zeus e estava disposto a conceder-lhes o fogo divino.

Arraúl e o Deus Grego exorcizaram os males do passado, fazendo prevalecer o perdão. Olhão ficou a conhecer a história do seu passado: era refugiado e os seus pais tinham perecido num infeliz naufrágio. O menino enxugou as lágrimas. Há muito tempo que sentia ter encontrado um novo progenitor. Acompanhá-lo-ia e, juntos, salvariam Marim.

Poderia um fogo, aparentemente tão frágil, vencer tão poderoso mal? O atlante interrogava-se. A verdade é que Arraúl estava cego pelas suas certezas. Não conseguia compreender que o filho, pelo qual tanto havia suspirado, estava ali, à distância de um abraço.

As convicções tinham gelado o coração e quando o petiz decidiu revelar sentimentos, pedindo-lhe para ser seu pai, o rei de Marim desprezou-o.

Marim estava à vista. Sentia-se a sombria presença do mal. As sombras estavam à espera. Os malvados estavam mobilizados e pareciam invulneráveis ao fogo divino.

Perante a eminente derrota, Olhão ergueu-se do convés, disposto a vendê-la cara. O ímpeto surpreendeu os atacantes, mas estes acabaram por conseguir atirá-lo borda fora. Para tentar salvá-lo, o atlante tinha de abandonar a chama. Provavelmente extinguir-se-ia. Na derradeira indecisão, optou pelo menino.

Contra todas as probabilidades, o atlante recuperou o menino do mar escuro, levando-o em braços até à praia. Não respirava. Estava frio e inerte, tal como a figura de Leia, transformada em pedra. As sombras cercaram-no. Ansiavam por um desfecho trágico.

Arraúl estava conformado. Não merecia melhor. Mas aquela criança, sim. Olhou os Céus e pediu pela vida do seu filho.

As palavras despertaram uma centelha luminosa. Numa explosão de mil raios, um fogo infinito despertou das negras águas e fez-se luz. Os Esuri, vindos de Anapote em socorro do Reino de Marim, precipitaram-se sobre os tenebrosos, fazendo o bem triunfar sobre a escuridão. As trevas desvaneceram-se e, no seu lugar, surgiu um maravilhoso dia primaveril. Os habitantes despertaram do seu sono de pedra. Arraúl tinha recuperado o seu reino e reunido a família. Agora todos podiam ser felizes!

Um ano depois, Leia deu à luz uma menina chamada Quelfes. Para celebrar, acorreram a Marim os Deuses do Olimpo. Chegavam liderados por Zeus e vinham anunciar uma trégua eterna entre os gregos e os atlantes. Por aquela recém-nascida seriam celebrados jogos para todas as crianças da humanidade, semeando o Espírito Olímpico e anunciando uma nova era de paz e prosperidade: os Jogos de Quelfes!